

AJUDA

Associação dos
Epiléticos de Brasília:
Tels. 9967-9546 (Rosa) e
9238-4380 (Alaíde)A entidade promove encontros mensais
com orientações a portadores e familiares.
No dia 9, haverá manifestação em
frente ao Conjunto Nacional

SAÚDE

No Distrito Federal, 25 mil pessoas sofrem de epilepsia, doença que atinge 15% da população brasileira. No próximo dia 9 de setembro, portadores do problema farão um manifesto contra o preconceito que os cerca

Mal cheio de estigma

PALOMA OLIVETO
DA EQUIPE DO CORREIO

Quando, aos 12 anos, Alaíde Ferreira da Silva começou a desmaiar, ter convulsões e apresentar movimentos involuntários, os parentes logo diagnosticaram: coisa do demônio. E foi assim até 2000, quando a pedagoga, hoje com 37 anos, conseguiu fazer uma operação que pôs fim às suas crises de epilepsia.

O caso de Alaíde não é isolado. Outros portadores da doença, que atinge 15% da população brasileira, confirmam o preconceito que sofrem a partir do momento em que os sintomas se manifestam. Além de *possuídos*, são chamados de loucos e incapazes. Em 9 de setembro, pacientes de toda a América Latina se manifestarão contra os estigmas que os perseguem. É o dia latino-americano de reflexão sobre a epilepsia. Em Brasília, membros da Associação dos Epiléticos irão se encontrar em frente ao shopping Conjunto Nacional. Há 25 mil portadores da doença no Distrito Federal.

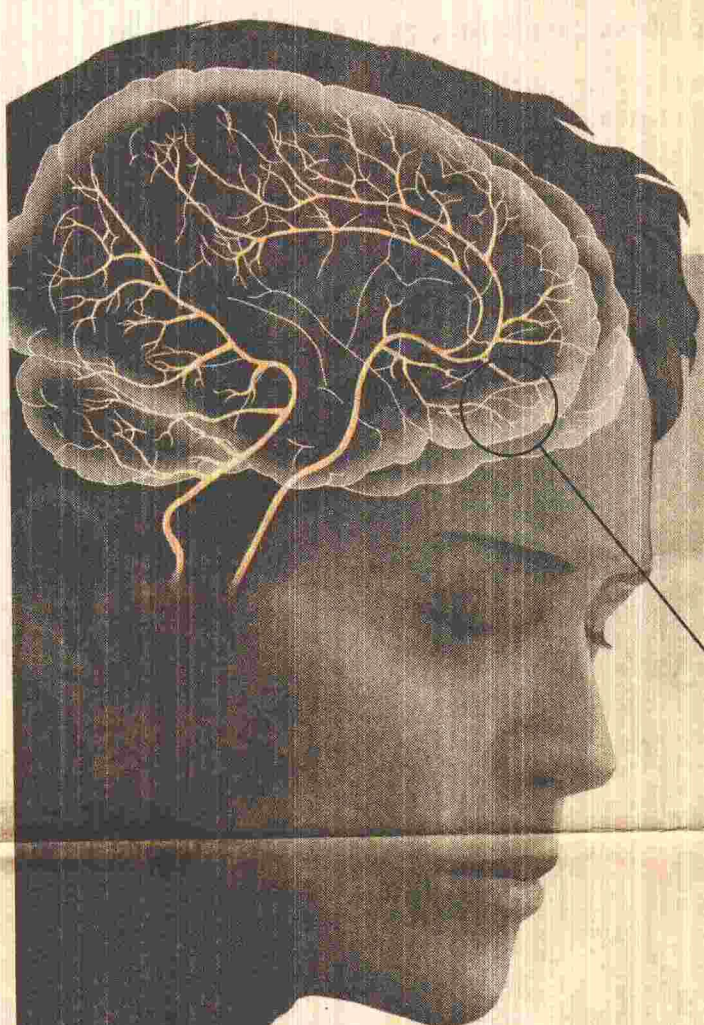
Embora seja uma doença milenar, até hoje persistem mitos como o de que a epilepsia é contagiosa, que se pega pela saliva. Não é verdade. Outro erro frequente é achar que o epilético é um incapaz. Autora de dois livros sobre o tema, a médica do Departamento de Neurologia e Neurocirurgia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e presidente da Associação Brasileira de Epilepsia, Elza Márcia Targas Yacubian gosta de citar os nomes dos escritores Dostoiévski, Flaubert e Machado de Assis como exemplos de gênios que sofriram da doença. Ela ainda lembra que há vários casos de epilepsia relatados em passagens da Bíblia.

Susto nas crianças

Por causa de uma crise, a pedagoga Alaíde foi demitida de um colégio onde trabalhava. "Disseram que as crianças ficaram assustadas", conta. Segundo Yacubian, levar o tema às escolas é fundamental para acabar com as falsas crenças sobre a doença. "Os professores não sabem lidar com o aluno epilético", diz. A Associação Brasileira de Epilepsia prepara uma cartilha explicativa, voltada aos estudantes e protagonizada por um cachorrinho que, como o jogador de futebol Ronaldo, sofreu uma convulsão.

Mesmo repreendida pelas irmãs e pelos amigos, Eliane Pereira dos Santos, 50 anos, se recusou a assumir uma postura de vítima e resolveu morar sozinha, no Guará II. Os sintomas da doença começaram quando ela tinha 7 anos. Envergonhada, a mãe escondia Eliane das pessoas nos momentos de crise. "Eu quis mostrar que não era incapaz. Joguei vôlei, estudei, me formei em Administração", conta.

Apesar da persistência, Eliane está cansada de lutar pela chance de se curar das crises. Há quatro anos, ela aguarda pela cirurgia de epilepsia que, segundo o Ministério da Saúde, é coberta pelo Sistema Único de Saúde (SUS), assim como as consultas e os exames de diagnóstico. Os medicamentos também são custeados pelo ministério.

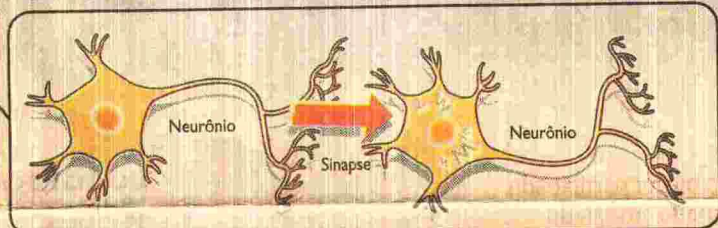


DOENÇA CURÁVEL

No mundo todo, em cada cem pessoas, duas sofrem de epilepsia. Na América Latina e no Caribe, são cinco milhões de portadores da doença, sendo que, no Brasil, 15% da população sofre desse mal. A epilepsia, porém, tem cura, controle e não deixa o doente incapaz para o trabalho. Algumas profissões devem ser evitadas.

O QUE É

Tendência a apresentar crises repetidas. As crises são consequência de alterações elétricas no cérebro, que afetam a transmissão de informações entre os neurônios. Há parciais, que atingem parte do órgão, e generalizadas, que afetam todo o cérebro.



CAUSAS DA DOENÇA

Embora em alguns pacientes as causas sejam desconhecidas, há vários fatores que podem levar à epilepsia:



Lesão no cérebro
(provocada por pancadas fortes na cabeça, por exemplo)



Neurocisticercose
(como ovos de solitária na cabeça)



Infecções
(como meningite)



Abuso de bebidas
alcoólicas e drogas

TIPOS DE CRISES

Em ordem crescente de gravidade

Parciais
(afetam parte do cérebro)

Simples
crises motoras, em que a pessoa continua consciente

Complexas
começam com sensações desagradáveis, como medo, opressão no estômago e alucinações. Depois, há perda de contato com o meio ambiente, aumento da salivagem, movimentos de mastigação e outros movimentos motores

Generalizadas
(afetam todo o cérebro)

Ausência
interrupção da fala e das atividades por alguns segundos. Durante a crise pode haver perda de consciência

Atônica
inicia-se com a queda súbita no solo

Miclônica
manifesta-se ao despertar, com movimentos bruscos do corpo. Tem duração breve

Tônico-clônica
perda de consciência, queda, enrijecimento do corpo, abalos musculares, lábios roxos, pode haver perda de sangue e respiração irregular. Dura poucos minutos.

Tônica
os sintomas são os mesmos da crise tônico-clônica, mas a crise é mais longa

COMO SE COMPORTAR

A pessoa que está no mesmo ambiente deve ficar calma. É preciso tirar objetos que estejam próximos ao epilético, para evitar que ele se machuque caso tenha crises motoras. Deve-se colocar algum objeto macio sob a cabeça. Não coloque nada na boca do epilético e, se possível, o deixe deitado de lado. Espere que ele se recupere antes de deixá-lo. Atendimento médico é recomendado depois de dez minutos de crise.



CAUSAS DAS CRISES
Podem ser desencadeadas por febre, suspensão abrupta da medicação, cansaço físico, ingestão de álcool, privação de sono, respiração forçada, emoções (como tristeza, preocupação, irritação etc), processos infecciosos, alterações metabólicas e tóxicas, trauma craniano. Uso de drogas como antidepressivos e anestésicos também provocam crises. Não se sabe certamente como fatores externos, como estimulação da luz, agem sob os portadores

PROFISSÕES DE RISCO

- Trabalho em altura
- Motorista profissional
- Babá
- Piloto
- Cirurgião
- Operador de máquinas industriais
- Trabalho junto ao fogo
- Salva-vidas
- Mergulhador

Fonte: Associação Brasileira de Epilepsia

Arte: Rubens Paiva / Anderson Araújo

Cirurgia pode eliminar as crises



MARIA, ROSA, EURIDES, ELIANE, ALAÍDE E VERNON SOFREM DA DOENÇA

No Brasil, há dez hospitais que realizam a operação de epilepsia cadastrados no Ministério da Saúde. Em Brasília, o Hospital de Base faz a cirurgia. O particular Santa Luzia também realiza a operação, que pode custar mais de R\$ 10 mil.

Segundo a médica Elza Yacubian, a cirurgia, que consiste em retirar do cérebro a parte lesionada, costuma apresentar bons resultados. "As crises diminuem e, em muitos casos, acabam", diz. Para 30% da população epilética, é a

única solução, pois essa é a percentagem de doentes que não conseguem controlar os sintomas nem com remédios.

A demanda pela intervenção, porém, é alta. Eliane Pereira dos Santos, que gasta R\$ 800 mensais com remédios, difíceis de serem conseguidos nos postos de saúde da cidade, acredita que a angústia da espera aumenta a ocorrência de crises. Até porque, como já fez os exames, a administradora sabe que a cirurgia poderia curá-la de vez da doença.

"Depois que fiz a cirurgia, meu relacionamento com as pessoas mudou. O astral e o humor estão muito melhores. Antes, eu me sentia uma coitadinha."

Alaíde Ferreira da Silva, 37 anos, moradora da Asa Norte. Formada em Pedagogia e funcionária do Hospital de Base, chegou a tomar 22 remédios por dia.

"Meus irmãos achavam que minha mãe estava louca, e alguns parentes diziam que era alguma coisa demoníaca. Tive de pedir demissão do emprego para cuidar dela. Nos hospitais, os médicos diziam que ela não tinha nada, que era problema psicológico. Teve de passar por uma crise dentro do hospital para que fizessem o diagnóstico certo."

Lea Domingos, 27 anos, moradora do Gama. Há três anos, a mãe, Eurides de Jesus, 48, teve a primeira crise. Ela trabalhava como cobradora de ônibus e teve que largar o emprego.

"Quando eu era adolescente, os colegas da escola tinham medo de mim. Graças ao apoio da família, hoje encaro muito bem a doença. A participação da família é fundamental."

Vernon Rodrigues Amandio, 24 anos, morador do Recanto das Emas. Ele nasceu prematuro e, com 30 dias de vida, apresentou os primeiros sintomas da doença. Vernon diz que muitas vezes os médicos de emergência já confundiram suas crises com uso de drogas.

"Outro dia fui me matricular em uma academia de musculação e, quando disse que era epilética, o professor falou que era melhor eu desistir. Isso porque se tratava de um profissional formado!"

Eliane Pereira dos Santos, 50 anos, moradora do Guará II. Apesar das crises, ela prefere morar sozinha e pegar ônibus sem a companhia de ninguém.

"Foi preciso o meu filho dizer que queria morrer para conseguir fazer a cirurgia. Hoje, posso falar que ele está curado."

Rosa Maria Luana da Silva, 52 anos, moradora de Águas Claras. A presidente da Associação de Epiléticos de Brasília tem um filho epilético. Dos 13 anos aos 26, ele teve de tomar mais de 20 comprimidos por dia. Depois da operação, toma somente dois.